



# PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013  
Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO08>

## Vergonha e honra: o juízo moral de estudantes universitários

*Shame and honor: the moral judgment of college students*

*Vergüenza y honor: el juicio moral de los estudiantes universitarios*

---

Mayara Gama Lima Correio  
Universidade Federal do Espírito Santo email: [mayaragl@gmail.com](mailto:mayaragl@gmail.com)  
<http://orcid.org/0000-0002-9298-7732>

Heloisa Moulin Alencar Correio  
Universidade Federal do Espírito Santo  
<http://orcid.org/0000-0001-8164-3849>

---

### Resumo

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa e descritiva que buscou investigar o juízo moral dos participantes sobre o que o protagonista de uma história que cometeu uma falta moral relacionada à honra deveria sentir; bem como averiguar se os participantes associam, espontaneamente, o sentimento de vergonha a esta pessoa. Realizaram-se entrevistas individuais com 40 universitários. Os resultados demonstram que a maioria dos participantes atribuiu o sentimento de vergonha ao protagonista da história, e as justificativas fizeram alusão principalmente à vergonha como correspondente a um controle interno e externo simultaneamente, e o argumento mais utilizado refere-se ao fato de que a reação foi na forma errada. Espera-se que este trabalho contribua com a reflexão sobre a relação entre o sentimento da vergonha e o universo moral dos universitários. Assim, ao destacar que o sentimento de vergonha equivale tanto a um controle interno quanto externo, almejamos subsidiar e promover a realização de outros estudos que investiguem a influência da afetividade na moralidade.

**Palavras-chave:** Moralidade, vergonha, virtudes.

### **Abstract**

*This study is a qualitative and descriptive research that sought to investigate the moral judgment of the participants about what the protagonist of a story that committed an honor-related moral misconduct should feel; as well as to ascertain if the participants spontaneously associate the feeling of shame with this person. There were individual interviews with 40 university, based on Piaget's clinical method (Piaget, 1932/1994). The results show that most participants attributed the sense of shame to the protagonist of the story, and the justifications allude mainly to shame as corresponding to an internal and external control simultaneously, and the most used argument refers to the fact that the reaction it was in the wrong way. It is hoped that this work will contribute to the reflection on the relationship between feelings of shame and moral universe of college. Thus, emphasizing that the feeling of shame is equivalent both an internal and external control, we aim to support and promote further studies to investigate the influence of affection in morality.*

**Keywords:** *Morality, shame, virtues.*

### **Resumen**

*Este estudio es una investigación cualitativa y descriptiva que buscaba investigar el juicio moral de los participantes sobre lo que el protagonista de una historia que cometió una mala conducta moral relacionada con el honor debería sentir; así como si los participantes asocian espontáneamente el sentimiento de vergüenza con esta persona. Hubo entrevistas individuales con 40 universidades, basadas en el método clínico de Piaget (Piaget, 1932/1994). Los resultados muestran que la mayoría de los participantes atribuyeron el sentido de la vergüenza al protagonista de la historia, y las justificaciones aluden principalmente a la vergüenza como correspondiente a un control interno y externo simultáneamente, y el argumento más utilizado se refiere al hecho de que la reacción fue en la forma incorrecta. Se espera que este trabajo contribuya a la reflexión sobre la relación entre los sentimientos de vergüenza y el universo moral de la universidad. Así, enfatizando que el sentimiento de vergüenza es equivalente tanto a un control interno como externo, nuestro objetivo es apoyar y promover más estudios para investigar la influencia del afecto en la moralidad.*

**Palabras clave:** *Moralidad, vergüenza, virtudes.*

---

### **Introdução**

Há, no senso comum, a aparente dicotomia dos termos afeto e cognição. Quem nunca ouviu a frase, “pensa com a cabeça, não com o coração”? Esse paradigma cartesiano clássico, cuja essência é a divisão secular entre *mente e corpo*, *razão e coração* foi, há muito, adotado pela Psicologia (Souza, 2011). Assumir a dicotomia razão versus emoção é aceitar que os estados afetivos, decorrentes de fenômenos subjetivos, estão separados da cognição. De fato, a Psicologia do século XIX e começo do século XX valorizava o estudo dos instintos, pulsões e emoções chamada de *instintivistas e irracionalistas* (Souza, 2011). Em contraponto a isso, por volta do século XX, aconteceu a chamada “revolução” cognitiva e a progressão do *behaviorismo*, que apresentava uma visão racionalista do ser humano referente à sua atividade.

De acordo com Pinto (2008) a razão é a que promove a base do pensamento para se encontrar a verdade, isso então serviu de alicerce para o pensamento científico e a consolidação de um acúmulo de conhecimento. Baseado nessa ideia o método experimental consistiria em isolar um corpo (objeto) em partes cada vez menores, retirando dele suas funções principais,

tais como a força, elasticidade, movimento, trajetória ou suas características biológicas e químicas (Pinto, 2008).

De maneira diferente, este trabalho adotará a concepção que incorpora ao saber psicológico um modelo de estudo teórico que não fragmenta o sujeito em dimensões dissociadas entre si mesmas (La Taille, 2006; Piaget, 1964/2014). Ressalta-se que a cognição e a afetividade estão em um convívio dinâmico no psiquismo, embora possuam dimensões psíquicas e características particulares, mas que no decorrer do desenvolvimento estão em correspondência psicológica associativa (Pinto, 2008; Souza, 2011).

Piaget (1964/2014) ressalta a existência de um paralelo constante entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual. O autor foi pioneiro no estudo empírico sobre o desenvolvimento moral e propõe que o sujeito passa por três fases de consciência das regras: a anomia, a heteronomia e a autonomia (Piaget, 1932/1994). Na anomia a criança ainda não adentrou no universo moral, portanto ainda não legitima as regras. E pela heteronomia que o sujeito adentra no universo moral, nessa fase impera a moral da coação e o respeito unilateral, a regra é boa porque é imposta por uma figura de autoridade, por isso não pode ser mudada. Já na autonomia o respeito unilateral dá espaço ao respeito mútuo e a moral da cooperação, o sujeito passa a legitimar a regra por causa dos seus princípios, passa a interiorizar o sentido da regra. Nesse caso se a regra não é boa para todos ela pode ser questionada e reformulada.

Piaget enfatizou em suas pesquisas a racionalidade, visto que seu objetivo foi investigar como as crianças passam a respeitar as regras, no entanto, o autor não negou o papel da afetividade no desenvolvimento moral (Piaget, 1932/1994). Pelo contrário, a participação da afetividade na vida moral é apresentada por Piaget quando destaca que na heteronomia, as regras são respeitadas em virtude de medo e amor; medo de perder o amor dos adultos e do castigo, ao passo que na autonomia, o elemento quase material do medo é pouco a pouco substituído pelo medo de decair perante os olhos da pessoa respeitada (Piaget, 1932/1994). Assim, ressaltamos que a dimensão cognitiva e a afetiva são inseparáveis (Piaget, 1964/2014). O afeto desempenha o papel de fonte energética para a inteligência (Piaget, 1954/2014), pois sem afeto não há empenho e nem motivação para processo de aprendizagem, não há questionamentos e, por conseguinte, não ocorre desenvolvimento mental.

A partir dos pressupostos da teoria piagetiana, La Taille (2006) formula uma teoria do desenvolvimento moral a partir da relação entre a dimensão intelectual e afetiva da moralidade. A dimensão intelectual compreende o “saber fazer moral”, no qual o fazer compreende a realização da ação moral e o saber as disposições intelectuais que permitem decidir o que, como

e quando fazer. A dimensão intelectual, depende, para se tornar ação, do “querer fazer moral”, da vontade de agir e da intenção com a qual se age. Sublinhe-se, aqui, que a fonte energética do dever moral precisa ser procurada não só em sentimentos exclusivamente morais, aqueles que incidem sobre as questões do dever, como culpa, simpatia e compaixão (La Taille, 2006), mas, também, naqueles que não são exclusivamente morais, mas desempenham um papel central para o próprio desenvolvimento humano, como a vergonha.

A vergonha é classificada como um sentimento moral e autoconsciente, assim como a culpa e o constrangimento. Os dois termos, moral e autoconsciente, são empregados na literatura para definir vergonha, orgulho, constrangimento e culpa (La Taille, 2006; Tracy & Weidman, 2018; Weidman, Cheng & Tracy, 2018). São definidos como autoconscientes devido ao papel importante que desempenham na moralidade, a saber: representação no *self*, a legitimação dos padrões sociais, regras e objetivos; e uma auto avaliação global sobre o próprio eu ou sobre seu comportamento, confrontando-o com os padrões, regras e objetivos socialmente estabelecidos (Randles & Tracy, 2015; Santos, 2009). São também considerados morais, visto que são sensíveis à violação de normas e padrões, estão ligados a uma condição de dívida em relação aos outros (Laskoski, Natividade & Hutz, 2013). É importante destacar que estes sentimentos associados a moral e autoconscientes também são influenciados pela educação e pelos valores culturais (Orth, Robins & Soto, 2010).

O uso dos termos vergonha e culpa pode ser impreciso. Profissionais e leigos podem ter dificuldade de diferenciar esses tipos de experiências afetivas. Portanto, faz-se necessário esclarecer cada um destes construtos. Na Psicologia, estuda-se a vergonha atrelada a culpa (Muris & Meesters, 2014; Orth, Robins & Soto, 2010; Poless, Torstveit, Lugo, Andreassen & Sütterlin, 2018; Stuewig, Tangney, Kendall, Folk, Meyer & Dearing, 2015; Tangney, Stuewig, & Martinez, 2014). Embora muitas vezes sejam vividas pelos sujeitos de forma associada, são sentimentos de natureza distinta e não devem ser confundidos (La Taille, 2002, 2006).

A culpa incide sobre a ação e suas consequências, normalmente representados em juízo, tais como, “que coisa horrível que eu fiz”, resultando em um estado de remorso e uma disposição de reparar o prejuízo. Já a vergonha associa-se a uma avaliação negativa do *self*, com juízos do tipo “que pessoa terrível eu sou”. Desse modo, estarão caracterizadas aqui diferentes definições para esses construtos de maneira que: “*sente-se culpa do que se fez, não do que se é. [...] ao passo que na vergonha, sente-se vergonha do que se é.*” (La Taille, 2006, p. 134). Tangney, Stuewig e Martinez (2014) constataram que, em eventos nos quais o sujeito

sente vergonha, há uma preocupação com as avaliações dos outros sobre si mesmo; já quando sente culpa, ele se preocupa com os efeitos de suas ações sobre os outros.

Igualmente importante é abordar alguns aspectos da relação entre vergonha e a honra, uma vez que são sentimentos muito próximos, em parte complementares (La Taille, 2002). Como pode ser observado no exemplo comentado por La Taille (2002) do romance *Humilhados e Ofendidos* de Dostoievski:

Em geral, agride-se a honra das pessoas insultando-as ou apenas criticando-as: diz-se em claro e bom tom que carecem de valor. Um olhar pode transmitir um insulto: basta que, em certas feições o rosto, parece zombeteiro. Porém, mesmo neutro, como na cena descrita, pode ofender, e isto pela mesma razão que causa vergonha: os olhos capturam a imagem de outrem, transformam-no em objeto. É este o sentimento do pequeno alemão: percebe que alguém, um estranho, apodera-se ele pelo olhar, transforma-o em objeto, e assim, procura humilhá-lo. Ora ele precisa retomar seu papel de sujeito, e assim, reage: ele mesmo olha fixamente seu ‘adversário’, toma a palavra para reclamar e finalmente, levanta-se para a briga. A sua honra está em jogo e, se não defendê-la, sentirá vergonha (La Taille, 2002, p 149).

Assim a vergonha e a honra possuem uma relação de intercâmbio (Alzuguir, 2014). A vergonha pode ocasionar uma ferida na autoestima e no auto respeito do sujeito, e o resultado é a sensação de que a própria honra foi perdida (La Taille, 2002, 2006). O auto respeito está intimamente ligado à expansão de si, a busca pela vida que vale a pena ser vivida (La Taille, 2006). Isso só é possível quando as atitudes da pessoa são condizentes à “boa imagem” (La Taille, 2006, p. 135) que ela possui de si mesma. Todavia, quando o sujeito não mantém essa coerência, pode surgir o sentimento de vergonha.

Pitt-Rivers (1965) considera que o fato de enrubescer mostra que o indivíduo possui honra, visto que essa reação incontrolável da vergonha comprova a aceitação da regra da transação da honra, mesmo contra nossa própria vontade. Segundo este autor a “honra é o valor que uma pessoa tem aos próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade” (p.13). Existem, então, dois tipos, a chamada ‘honra interior’ e a ‘honra exterior’ (La Taille, 2006; Pitt-Rivers, 1965). A exterior está ligada à reputação, a como o sujeito espera que os outros o reconheçam, semelhante à antiga honra cavalheiresca em nome da qual se desafiava para o embate alguém que o tivesse insultado. E a interior é quando o sujeito age guiado por seus princípios morais, dos quais se considera representante (La Taille, 2006). La Taille (2002, 2006) ainda sublinha a existência das ações feitas ‘pela honra’, ou em nome da honra, por exemplo, ferir alguém que te insultou, mas sem agir com justiça, de maneira covarde, esquecendo-se de agir ‘com honra’. O autor diferencia as duas formas pelas:

[...] ações que se fazem em nome da honra, mas esquecendo-se de realiza-las com honra: por exemplo, ferir alguém que proferiu um insulto (ação em nome da honra), mas sem lhe dar a chance de se defender (portanto, ação sem honra, já que covarde) (La Taille, 2006, p.63).

Além da honra, a vergonha aparece, muitas vezes, associada ao sentimento de humilhação. Essa refere-se ao fato de ser rebaixado por alguém, inferiorizado, e, sem dúvida, esse acontecimento pode causar um sentimento penoso, muitas vezes também chamado de vergonha (La Taille, 2002; Lima & Alencar, 2016; Lima, Alencar & Rossetti, 2015). A proximidade desses conceitos é salientada por La Taille (2002):

[...] O que há de comum entre ambas [humilhação e vergonha] é justamente o fato de se sentir inferiorizado (como no caso da vergonha de exposição), porém, na vergonha, compartilha-se a imagem negativa imposta, enquanto que na humilhação ela pode não ser aceita. E, se for aceita, teremos os sentimentos de humilhação e de vergonha somados (p. 95).

Como sublinhado anteriormente a vergonha incide sobre o ‘eu’, especificamente uma avaliação negativa do *self*. La Taille, (2002), ressalta que o ‘eu’ é definido como um conjunto de representações de si, sendo estas sempre valorativas. Portanto, as representações de si podem estar associadas a três tipos de valores, a saber: valores amorais, como o dinheiro, o sucesso ou o status social; valores imorais, os que são contrários a moral, por exemplo, ser violento; e valores morais, aqueles coerentes com as regras morais, como a justiça, a honra, e a honestidade (La Taille, 2006). Ressaltamos que esta classificação foi realizada com base na definição de moral assumida no presente artigo, o conteúdo que corresponde à resposta a pergunta “como devo agir? ”, e que compreende os valores, princípios e regras (La Taille, 2006).

É importante destacar que compreendemos que o sujeito tende a agir de acordo com os valores que são mais centrais em suas representações de si, de tal modo que maior é a probabilidade de agir conforme os valores morais se esses valores forem centrais para o eu (La Taille, 2002, 2006). Assim, quando os valores morais ocupam o centro das representações de si, a pessoa é levada a agir conforme a moral e fala-se então de “personalidade ética” (La Taille, 2006). Portanto, o fracasso na busca pelas representações de si com valor positivo pode provocar a vergonha, como uma dor psíquica resultante da consciência da disjunção entre uma ‘boa imagem’ e a imagem que, de fato, possui de si mesmo (Harkot-de-La-Taille, 1999).

Além disso, a vergonha é considerada por alguns autores, como intrinsecamente social: o sujeito sente vergonha ao se imaginar diante de um público que o julga (Orth, Robins & Soto, 2010; Muris & Meesters, 2014). Entretanto, convém ressaltar que este trabalho considera que

essa exposição ao público pode ser real ou virtual (La Taille, 2002). Logo, não se resume ao contexto social e ao público, pois é possível sentir vergonha mesmo estando sozinho, uma vez que quem sente vergonha julga negativamente a si próprio.

Logo, não basta ser objeto do juízo negativo alheio para desencadear a vergonha, pois esse juízo somente desencadeia esse sentimento se o sujeito o assumir; se ele a desprezar ou discordar, não acontece. Dessa forma, concebe-se que a vergonha não equivale a um controle exclusivamente externo baseado unicamente no juízo de outrem ou como cuidado da reputação. La Taille (2002) destaca que se a ação for censurada pelos outros sem o assentimento do sujeito, não é vergonha, é apenas cuidado com a reputação, estando em jogo a ‘honra exterior’; todavia, se for censurada apenas por si, é vergonha, mesmo que não haja conhecimento ou condenação da parte alheia sobre esta ação – exposição virtual, apenas imaginada. Trata-se, portanto, de um controle interno também, um cuidado em relação à ‘honra interior’ do sujeito, baseado no auto juízo e nos valores centrais nas representações de si. Dado o exposto a presente pesquisa buscou investigar o juízo moral dos participantes sobre o que o protagonista de uma história que cometeu uma falta moral relacionada à honra deveria sentir, bem como averiguar se os participantes associam, espontaneamente, o sentimento de vergonha a esta pessoa.

### **Método**

Esta foi uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013), o foco da pesquisa qualitativa é “compreender e aprofundar os fenômenos que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto” (p. 376). O processo essencial da pesquisa qualitativa é que o pesquisador recebe dados não estruturados que deve estruturar. Os dados são bem variados, essencialmente narrações dos participantes, nos mais diversos formatos.

### **Participantes**

Participaram 40 estudantes universitários de graduação matriculados nos cursos de ‘arquitetura e urbanismo’ e ‘direito’ de uma instituição pública de ensino superior do Espírito Santo, com idades entre 19 e 55 anos ( $M=23,2$ ;  $DP=6,7$ ), sendo 20 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. O critério escolhido para selecionar os cursos foi o fato desses cursos terem sido os mais concorridos no vestibular anterior, da instituição de ensino em questão, ao período de coleta de dados.

## **Instrumento**

O instrumento utilizado foi uma entrevista de roteiro semiestruturado com duas questões abertas. Foi apresentada aos participantes a história de conteúdo moral sobre honra, acompanhada por um bloco de perguntas (Figura 1). A história foi elaborada pelas autoras especificamente para este estudo.

### **Figura 1:** Roteiro de entrevista utilizado na pesquisa.

---

HISTÓRIA: (versão feminina: Marcela)

“O professor faz uma pergunta para Marcelo, mas não considera a resposta satisfatória. O professor então, diz que Marcelo é burro e que não tem futuro. Marcelo agride o professor com um soco. ”

1. O que Marcelo deveria sentir depois de ter agredido o professor com um soco?
  2. Marcelo deveria sentir ou não vergonha? Por quê?
- 

## **Procedimentos**

Os estudantes foram contatados, a partir de um banco de dados de uma pesquisa anterior, e as entrevistas marcadas em local combinado entre a pesquisadora e eles, dentro do espaço da instituição de ensino que os estudantes estavam matriculados. Todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas tiveram duração média de 10 minutos e foram realizadas individualmente pela pesquisadora, primeira autora do presente artigo, gravadas em áudio na íntegra e, posteriormente, transcritas. Vale ressaltar que as gravações foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e serão mantidas guardadas de forma segura, em arquivo pessoal, por cinco anos, e, após esse período, serão descartadas. Ainda seguindo os padrões éticos da Resolução 466/12 (2012) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), o anonimato dos entrevistados será garantido com a utilização de nomes fictícios para a divulgação dos dados. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus Goiabeiras (Parecer nº 1.038.495).

O método utilizado nas entrevistas foi o método clínico proposto por Piaget (1932/1994, 1926/2005). Esse é um conjunto de procedimentos, tanto para coleta quanto para análise de dados, no qual se utiliza de perguntas mais ou menos abertas e cuja continuação depende das respostas dos participantes, o objetivo é investigar o raciocínio dos interrogados sobre determinado fenômeno (Marquezini, Silva, Cruz & Ferreira, 2017). De acordo com Delval (2002), esse método tem como base a “intervenção sistemática do pesquisador” (p.12) e permite acompanhar o percurso do pensamento do participante no decorrer do protocolo de

perguntas. De acordo com Marquezini et al. (2017) “tal prática foi utilizada com fins de conhecer a lógica do pensamento da criança, de forma que não existem respostas corretas ou erradas, busca-se, desse modo, o princípio orientador das réplicas” (p. 37). Assim, este método se confirma como uma escolha adequada, de acordo com os objetivos deste estudo, visto que fornece subsídios para se investigar os juízos dos participantes.

### **Tratamento e análise dos dados**

Assim, ao se optar pela análise qualitativa, buscou-se descrever o juízo e/ou opiniões dos participantes sob sua ótica, em sua linguagem e com suas expressões. Para tanto, o processo de tratamento dos dados envolveu interpretar e avaliar as unidades de análise presentes nas falas estudantes, para estabelecer categorias, temas e padrões. Dado o exposto, utilizou-se o método de análise proposto por Sampieri et al. (2013), na qual o pesquisador deve atribuir significado aos segmentos de dados, para descobrir as unidades de análise e construir as categorias. Nesse processo é feita uma análise do segmento para entender o que significa. Por comparação, são estabelecidas unidades que são similares ou diferentes de outras. Duas unidades similares, resultam em uma categoria e recebem um mesmo código. Por sua vez, as que são diferentes, geram categorias distintas e recebem códigos diferentes.

Tendo por foco a análise qualitativa, neste estudo, foi realizada a transcrição na íntegra das entrevistas (preservando a forma de linguagem dos participantes). As seguintes medidas integraram a etapa de codificação e análise: transcrição de todas as entrevistas, leitura de todos os protocolos, identificação das unidades de análise, elaboração de categorias e análise das entrevistas mediante as categorias elaboradas. O processo de análise e tabulação dos dados foi realizado manualmente, em arquivo de *Word*, pelas autoras do presente trabalho e contou com o parecer de dois juízes (estudantes de iniciação científica de psicologia) que validaram o processo.

### **Resultados**

Antes de iniciar a apresentação dos resultados certos esclarecimentos quanto à redação dos mesmos são importantes: a) embora o número de participantes do presente estudo seja igual a 40, o número total de respostas e/ou justificativas (n) variou em algumas questões, porque em determinadas perguntas os estudantes poderiam fornecer mais de uma resposta ou justificativa; b) estarão em evidência os conteúdos das questões apresentadas aos participantes com a

marcação em negrito, de modo a identificar as informações avaliadas; c) as categorias encontram-se em itálico, e d) os trechos citados como exemplos das categorias correspondem a partes das falas dos participantes e são apresentados em itálico e entre aspas.

Referente ao juízo dos estudantes universitários a respeito de uma situação hipotética, na qual o protagonista da história reage a uma ofensa por meio de uma agressão, a finalidade era conhecer quais sentimentos os participantes atribuíram ao protagonista depois do ocorrido, se eles atribuíram o sentimento de vergonha e as justificativas.

As respostas à pergunta ‘**o que o protagonista deveria sentir depois de ter agredido o professor com um soco?**’ resultaram em um total de 72 respostas, os sentimentos mencionados são apresentados na tabela a seguir:

**Tabela 1.**  
Sentimentos atribuídos espontaneamente ao protagonista da história.

<b>Categorias</b>	<b>Frequência (n)</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Sentimentos autoconscientes</b>		
1- Vergonha	29	40,4
2- Arrependimento	23	31,9
3- Culpa	04	5,5
4- Outros	02	2,8
<b>Sentimentos não autoconscientes</b>		
5- Raiva	04	5,5
6- Medo	02	2,8
7- Alívio	02	2,8
8- Indignação	02	2,8
9- Outros	04	5,5
<b>Total</b>	<b>72</b>	<b>100</b>

Nessa questão, os participantes poderiam mencionar mais de um sentimento. O que aconteceu na maior parte dos casos (67%). O sentimento de *vergonha* foi mencionado, junto com *arrependimento* (15 vezes), *culpa* (4 vezes), *raiva* (2 vezes), *medo*, *alívio*, *indignação*, “*um sentimento de que ele passou do limite*”, “*sentimento de revolta*”, “*sentir-se um pouco mal*” e “*um pouco de satisfação*” (1 vez cada).

Tendo em vista que na primeira questão deste estudo a pergunta era abrangente e os participantes poderiam citar qualquer sentimento, na segunda questão a pergunta direcionou-se para o sentimento de vergonha e as justificativas: **O protagonista deveria sentir ou não**

**vergonha? Por quê?** A categoria de maior frequência foi sim (n=33, 82,5%), seguido de não (n=7, 7,5%). Para melhor compreender o resultado, as justificativas serão analisadas conforme consta na tabela 2.

**Tabela 2.**  
Justificativas para a questão sobre se o protagonista deve sentir ou não vergonha.

<b>Categorias</b>	<b>Frequência (n)</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Sim</b>		
1- Reação foi na forma errada	35	39,3
2- Emoção sobrepujou a razão	08	9
3- Ofensa não justifica a agressão	07	7,9
4- Ação traz uma má reputação	05	5,6
5- Cultura/sociedade condena	03	3,4
6- Rebaixou a si mesmo	03	3,4
7- Reação foi desproporcional à ofensa	03	3,4
8- Reação vai contra princípios pessoais	02	2,2
9 - Agrediu a uma figura de autoridade	02	2,2
<b>Não</b>		
10- Ofensa justifica a agressão	19	21,2
11- Conceito de vergonha não se aplica a essa situação	02	2,2
<b>Total</b>	<b>89</b>	<b>100</b>

O argumento mais citado para justificar o porquê do protagonista da história sentir vergonha refere-se à natureza da reação apresentada, considerando que *a reação foi na forma errada*. O conteúdo dessa categoria indica que o protagonista deveria sentir vergonha, pois escolheu a forma de reação errada, para eles a agressão é considerada vergonhosa e errada. Como podemos observar nos trechos da entrevista a seguir, “*Porque eu acho que as coisas não se resolvem na violência, nada se resolve na violência*” (Cristina), “*É errado, é uma agressão, então, é errado, é errado, é uma agressão*” (Ubaldo).

Por sua vez, há aqueles que argumentaram que *a ofensa não justifica a agressão*. As explicações apontam que o protagonista deveria sentir vergonha, pois a humilhação ou ofensa sofrida não justificam seu comportamento. Por exemplo, “*é como se uma pessoa fizesse alguma coisa errada e você faz alguma coisa mais errada ainda, uma coisa não justifica a outra*” (Vanderlei). Outros participantes argumentam que o protagonista deveria sentir vergonha, pois

em decorrência de seu comportamento seria julgado de maneira negativa, já que a *ação traz uma má reputação*. Por exemplo, “*vão ver ele como um camarada ruim, um camarada de má índole, ele deveria sentir vergonha por isso, de como as pessoas agora vão fazer um pré-julgamento dele*” (Edmundo).

Existem ainda as explanações que apontam para um conflito entre emoção e razão como justificativa, nos casos em que *a emoção sobrepujou a razão*. Essa categoria engloba as justificativas que ressaltam que o protagonista deveria sentir vergonha, pois permitiu que a emoção ditasse seu comportamento. Por exemplo, “*Vergonha de não ter conseguido se controlar*” (Verônica).

Na justificativa *cultura/sociedade condena*, ressalta-se o papel da sociedade enquanto juíza das ações logo, o protagonista deveria sentir vergonha, pois a cultura ou a sociedade condena o comportamento apresentado. Por exemplo, “*conduta que foge ao aceitável, não é socialmente aceitável*” (Vando).

Os conteúdos de respostas reunidos em *rebaixou a si mesmo* referem-se a argumentos que apontam que o protagonista deveria sentir vergonha, pois ao agredir o professor, o aluno demonstra não respeitar o próximo. Por exemplo, “*quando ele agride, ele vai para um nível mais baixo que o do professor*” (Givaldo). Outro argumento utilizado foi de que *a reação foi desproporcional à ofensa*. Os participantes destacaram que o protagonista da história tinha direito de resposta diante da ofensa sofrida, mas a resposta foi exagerada ou desproporcional. Por exemplo, “*então, ele respondeu a mais do ele foi ofendido*” (Jurandir).

Na categoria *a reação vai contra princípios pessoais* estão os argumentos para a resposta que o protagonista deveria sentir vergonha, pois o mesmo teve uma atitude contrária ao que o participante considera como pertencente aos seus princípios. Por exemplo, “*Por causa dos meus princípios*” (Guilhermina). Outros baseiam-se na hierarquia de posição social em relação ao professor, em que o protagonista deveria sentir vergonha, pois “*agrediu a uma figura de autoridade*”. Por exemplo, “*eu sentiria muita vergonha de ter agredido, ainda mais um professor*” (Virgílio).

Sobre os que responderam que o protagonista não deveria sentir vergonha, as respostas foram codificadas em duas categorias. Os que consideram que *a ofensa justifica a agressão*. Ressaltando que o protagonista não deveria sentir vergonha, pois reagiu a uma humilhação, ofensa. Por exemplo, “*ele sofreu uma ação injusta, por isso há um nexos entre as ações - ele foi provocado a, instigado a ter aquela ação*” (Geraldo). Outro argumento utilizado foi que o *conceito de vergonha não se aplica a essa situação*. Os argumentos destacaram que o

protagonista não deveria sentir vergonha, pois o conceito de vergonha que participante possui não se aplicava a uma situação na qual um sujeito teve que reagir a uma ofensa por meio de uma agressão.

Para melhor compreensão, a discussão das justificativas para a pergunta se deve sentir vergonha ou não as categorias foram agrupadas em macrocategorias, **controle externo**, **controle interno**, e **controle externo e interno**. Primeira as categorias cujos conteúdos dos juízos equivalem à vergonha a um **controle externo** (n=31, 34,8%), baseado no juízo de outrem ou como cuidado da reputação. São elas: *a ofensa justifica a agressão*, *a ação traz uma má reputação*, *a cultura/ sociedade condena*, *agrediu a uma figura de autoridade*, e *conceito de vergonha não se aplica à situação*

Os conteúdos que remetem à vergonha enquanto equivalente a um **controle interno** (n=20, 22,5%), ao contrário do controle externo, explicam como um cuidado em relação à ‘honra interior’ do sujeito, baseado no auto juízo e nos valores centrais nas representações de si. Verificam-se as categorias: *ofensa não justifica a agressão*, *a emoção sobrepujou a razão*, *rebaixou a si mesmo*, *a reação vai contra princípios pessoais*

E, por fim, há os conteúdos que equivalem à vergonha tanto a um **controle externo quanto controle interno** (n=38, 42,7%) constam os seguintes conteúdos: *a reação foi na forma errada*, *a reação foi desproporcional à ofensa*. Contudo, convém ressaltar que a categorização nesses tópicos não se refere a um processo de análise e compreensão estanque, antes refere-se a possibilidades de predominância no sentimento de vergonha, além disso a análise envolverá apenas as justificativas de maior frequência ou os que possuem relevância teórica para o presente estudo.

## Discussão

Quando questionados sobre o que o protagonista da história deveria sentir, a *vergonha* foi o sentimento mais mencionado, espontaneamente, pelos estudantes. Os participantes também atribuíram outros sentimentos ao protagonista, como *arrepentimento* pela ação apresentada, *culpa*, *medo* das consequências de suas ações. Sentimentos como *arrepentimento*, *culpa* e *medo* referem-se a sentimentos focados na ação e traduzem o remorso gerado na consciência por causa da ação, em que o indivíduo reconhece ter causado um dano a alguém, podendo resultar, assim, em uma conduta de arrependimento e na busca por reparação do dano

(Laskoski, Natividade & Hutz, 2013; Orth, Robins & Soto, 2010; Tangney, Stuewig, & Martinez, 2014).

Além disso, observa-se a predominância de menções a sentimentos autoconscientes, como *vergonha* e *culpa* (La Taille, 2006; Tangney, Stuewig & Martinez, 2014; Tracy & Weidman, 2018; Weidman, Cheng & Tracy, 2018), o que pode sugerir que os participantes consideram o protagonista como responsável, o que também se justifica pelo alto número de menção ao sentimento de *arrependimento*. Uma vez que as pessoas se responsabilizam pelo ocorrido, eles tendem a experimentar um sentimento autoconsciente, como vergonha e a culpa, ao passo que quando eles responsabilizam os outros, tendem a experimentar um não autoconsciente, como a raiva (Muris & Meesters, 2014). Além disso, a alta menção de sentimentos autoconscientes aponta para a desconformidade com a regras e costumes culturais, e quando o sujeito realiza a auto avaliação global sobre o seu comportamento, confrontando-o com esses padrões e há uma desconformidade com o mesmo, pode resultar em sentimentos autoconscientes (Orth, Robins & Soto, 2010, Randles & Tracy, 2015; Santos, 2009).

Outro dado relevante, é que todos os participantes que atribuíram o sentimento de *culpa* ao protagonista da história também atribuíram a *vergonha*. Diversos estudos buscam entender as relações e diferenças na associação dos mesmos (Muris & Meesters, 2014; Orth, Robins & Soto, 2010; Poless et al., 2018; Stuewig et al., 2015; Tangney, Stuewig, & Martinez, 2014). Embora sejam sentimentos diferentes e com natureza distintas em algumas situações podem ser vivenciados pelos sujeitos de forma associada (La Taille, 2002, 2006).

A primeira questão deste estudo era abrangente e os participantes poderiam citar qualquer sentimento, a segunda, por sua vez, direcionou-se para o sentimento de vergonha e as justificativas. Para melhor compreender os resultados, as justificativas serão analisadas conforme as macrocategorias.

Inicialmente, a análise será realizada em relação ao *controle externo*. O primeiro conteúdo refere-se às justificativas apresentadas pelos participantes que indicam que, uma vez ofendido, é legítima a agressão, reunidos na categoria *ofensa justifica a agressão*. De fato, na honra cavaleiresca, ou na lei de Talião, funciona o princípio do “olho por olho, dente por dente”, porque ao ser agredido em sua honra, o sujeito tem o direito de reagir de modo a recuperá-la, de tal forma que uma ação anula a outra (Pitt-Rivers, 1965), mesmo que o sujeito aja ‘pela honra’ e não ‘com honra’ (La Taille, 2006).

Ainda sobre o cuidado da ‘honra exterior’, as justificativas apontam que o protagonista deve sentir vergonha, pois a ação resulta em uma má reputação. Pode-se constatar que a

reputação está fortemente ligada à honra exterior (La Taille, 2006; Pitt-Rivers, 1965), visto que diz respeito a uma construção social derivada de juízos alheios que intenta estabelecer a estima que alguém possui e, no caso de uma possível corrupção dela, fica-se exposto ao sentimento de vergonha devido ao juízo alheio negativo.

Por sua vez, os argumentos que ressaltam o controle da sociedade sobre a dimensão do sentimento de vergonha foram reunidos na categoria a *cultura/ sociedade condena*. Como a literatura aponta a educação e os valores culturais são importantes na gênese da vergonha (La Taille, 2002) e exercem influência sobre os sentimentos morais (Orth, Robins & Soto, 2010).

Por fim, a categoria o *conceito de vergonha não se aplica a esta situação*, na qual os argumentos ressaltam que o protagonista não deve sentir vergonha, pois o conceito de vergonha que participante possui não se aplica a uma situação na qual um sujeito tenha que reagir a uma ofensa por meio de uma agressão. Isso ocorre porque uma vez que foi ofendido e exposto por meio de uma humilhação, o sujeito sentiria vergonha somente se não tivesse reagido. Estaria o sujeito em uma situação de exposição e estranheza. Mas, como o protagonista reparou a ofensa ele cessou o constrangimento. Assim, para os participantes, o sentimento de vergonha não se aplicaria. No caso da história fictícia, houve um insulto de modo a manchar a honra do protagonista, que ao defendê-la, por meio da reação apresentada, cessou o conflito em relação a sua honra. Portanto, não estava em questão a vergonha. De forma semelhante, os argumentos parecem apontar para a legitimidade de um código de honra que remonta à honra cavaleiresca (Pitt-Rivers, 1965).

No que concerne às justificativas de *controle interno*, primeiramente serão discutidos os argumentos que ressaltam que, apesar de o protagonista ter sido ofendido primeiro, e a agressão ser uma forma de reação, *a ofensa não justifica a agressão*. O que essas justificativas apontam é que não se deve reagir ‘pela honra’ de forma a restaurar a reputação (La Taille, 2006) ou o dano causado pela humilhação, e sim ‘com honra’ (La Taille, 2002, 2006). Dito de outro modo, não é legítima uma agressão apesar da ofensa sofrida.

A análise direciona-se agora para os argumentos que atribuem vergonha ao protagonista porque a *emoção sobrepujou a razão*. Como mencionado anteriormente, essa é uma ideia corriqueira no senso comum, de que há uma dicotomia entre razão e emoção e na Psicologia, no entanto busca-se uma abordagem que considera o sujeito como um todo integrado e dinâmico (Souza, 2011). Contudo, os argumentos reunidos nessa categoria indicam essa dicotomia, e que o controle da emoção sobre a razão acarretaria em um prejuízo.

Nos argumentos apresentados em *rebaixou a si mesmo* os estudantes defendem que reagir a uma humilhação de maneira agressiva coloca quem foi humilhado no mesmo patamar de quem o humilhou. Seria demonstrar uma perda da “honra interior” (Pitt-Rivers, 1965), um rebaixamento. Há ainda os argumentos que ressaltam que este tipo de *reação vai contra os princípios pessoais*, no caso os princípios dos participantes. Embora não seja possível avaliar se os estudantes elegeram princípios morais ou não, é possível inferir que se trata aqui de valores associados ao self desses participantes. São valores que constituem a representação de si (La Taille, 2002) e, uma vez que estão em jogo, desencadeiam a vergonha. A agressão é considerada como uma contradição aos próprios valores, então, eles avaliam que o sujeito deve sentir vergonha ao agir de tal maneira.

Para finalizar, é importante apresentar as justificativas inerentes tanto no **controle externo quanto no controle interno**. Primeiro, as que abordam que *a reação foi na forma errada*. Tendo reagido à humilhação de uma maneira considerada errada e injusta o protagonista da história deve envergonhar-se, pois a agressão confere a essa pessoa perda de valores. A agressão é uma violência, ou seja, não ocorre um reconhecimento da dignidade do outro, traduzindo-se em um uso instrumental do sujeito colocando este como meio e não como fim (La Taille, 2009). Nesse caso, a agressão física pode ser reconhecida como um valor social, mas não como um valor moral. Portanto, a pessoa que utiliza esse recurso, caso possua valores morais como centrais, sentirá vergonha devido à perda da “boa imagem” que tem de si (Harkot-de-La-Taille, 1999).

Outros motivos, reunidos em a *reação foi desproporcional à ofensa*, ressaltam que o protagonista deve reparar o dano causado a ele por meio da humilhação sofrida, mas não utilizando violência física. Dessa forma, há a consideração de que uma vez que a reação foi desproporcional à ofensa, ou seja, deve sentir vergonha. De fato, diante de uma situação de humilhação, pode ocorrer uma ferida na autoestima e no auto respeito do sujeito, não só em como ele vê a si mesmo, mas em como ele gostaria de ser visto pelos outros, ou seja, está em jogo a honra (Alzuguir, 2014; La Taille, 2002, 2006). A humilhação pode fazer com que o sujeito se sinta inferiorizado, que perdeu a dignidade e a honra, podendo resultar no sentimento de vergonha (Lima & Alencar, 2016). Esses argumentos parecem indicar à necessidade de reparar a honra, embora não considerem a forma escolhida diante da situação como proporcional.

Os dados apresentados referentes a **controle interno e externo** demarcam que, uma vez que a honra foi posta em risco, ocorre a necessidade de repará-la, ou seja, restaurar o estado

anterior. Em algumas respostas diante da ofensa verbal e conseqüente humilhação não se justifica a agressão física, em outras, o protagonista foi tão ofendido que a agressão foi a melhor forma de recuperar o bem-estar psíquico, como mostra o trecho da entrevista a seguir:

*Marcelo pode ter ficado com vergonha do que o professor fez, e essa vergonha pode ter desencadeado a raiva, como eu falei que em mim às vezes desencadeia medo, em Marcelo pode ter desencadeado raiva, um sentimento tão forte que ele reagiu com um soco. E a partir do soco ele encerrou esse sentimento que ele teve (Davi).*

Destaca-se por fim o fato de o sentimento de vergonha está associado tanto ao controle externo quanto interno. De fato, se o sentimento estivesse restrito preponderantemente a um controle externo, poderia ser considerado como uma tradução afetiva da heteronomia, prevalecendo o juízo ou olhar alheio, a moral da coação e do respeito unilateral na qual a regra a ser respeitada e exterior ao sujeito ligada a figura de autoridade. Ao passo que o sentimento que exercesse principalmente um controle interno, poderia ser uma expressão afetiva da autonomia, na qual prevalece a moral da cooperação e o respeito mútuo, contribuindo para a construção da personalidade ética do sujeito (La Taille, 2006). Após a exposição dos resultados e da discussão sobre o juízo de valor moral a respeito do sentimento de vergonha, é preciso, então, explanar as considerações finais deste trabalho.

### Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi investigar o juízo moral dos estudantes baseado em uma história fictícia que envolvia o valor da honra. Para tanto, foram feitas três perguntas aos participantes: (1) o que o protagonista sentiu? (Verificar quais sentimentos seriam citados espontaneamente) e (2) ele sentiu ou não vergonha? Por que? (Investigar o raciocínio empregado para atribuir ou não vergonha ao personagem). Na primeira questão a maior parte das respostas atribuem a *vergonha* ao protagonista da história. E na segunda os argumentos sobre a possibilidade de sentir ou não vergonha fizeram alusão principalmente à vergonha enquanto *controle interno e externo* concomitantemente, sendo que o argumento mais utilizado a *reação foi na forma errada*.

Os dados apresentados aqui corroboram com a teoria de La Taille de que em uma situação de humilhação, na qual a imagem do sujeito encontra-se ameaçada, ocorre a necessidade de repará-la de algum modo, seja “com honra” ou “pela honra” (La Taille, 2002, 2006). No entanto, a maioria das justificativas apresentadas ressalta que não se deve utilizar a

agressão. Em alguns argumentos, ela foi considerada desproporcional, e em outros, é considerada errada e inadequada sendo inapropriada em qualquer situação.

Os dados permitem afirmar que a maior porcentagem das justificativas apresentadas pelos estudantes aborda conteúdos da vergonha equivalente a um *controle interno e externo*, seguido de conteúdos de predominância do *controle interno* e, por último, os de predominância do *controle externo*. Assim, observou-se que a vergonha desempenha tanto um controle interno quanto externo em uma situação que abarca a honra. Ambos, controle interno e externo, são importantes dimensões influenciadoras na experiência da vergonha. Pelo exposto, concebe-se que, se o sentimento estivesse restrito preponderantemente a um controle externo, poderia ser considerado como uma tradução afetiva da heteronomia, ao passo que o sentimento que exercesse principalmente um controle interno, poderia ser uma expressão afetiva da autonomia, da personalidade ética do sujeito (La Taille, 2006). O que os dados demonstram é que a vergonha se refere a um sentimento moral que desempenha tanto o papel de um controle externo quanto interno. O sentimento de vergonha, por caracterizar-se relativo ao controle externo e controle interno, é um sentimento importante para a moralidade e para a construção da personalidade ética.

No entanto é importante salientar que os resultados desse estudo não devem ser generalizados indiscriminadamente para outras amostras. Sendo importante destacar a necessidade de que novos estudos sejam realizados com amostras diferentes e diversificadas. O que não descarta a relevância do presente estudo para a discussão da área da moralidade acerca dos sentimentos morais, principalmente vergonha e honra.

Por fim, ressalta-se a importância de se realizar pesquisas que explorem e busquem entender melhor a construção de valores como honra, justiça e generosidade e suas relações com os sentimentos morais. Visto que podem fornecer um panorama sobre quais valores são mais associados a representação de si do sujeito, possibilitando assim pensar na formação ética que visem as virtudes morais como centrais.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

## Referências

- Alzuguir, F. V. (2014). A carreira moral da vergonha na visão de homens e mulheres “alcoólatras”. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 24(1), 11-29. Doi: 10.1590/S0103-73312014000100002
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças*. Tradução F. Murad. Porto Alegre: Artmed.
- Harkot-De-La-Taille, E. (1999). *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- Laskoski, L. M., Natividade, J. C. & Hutz, C. S. (2013). Development of Instruments to Assess Shame and Guilt in Adolescents: Empirical Differences Between the Constructs. *Paidéia*, 23(55), 171-178. Doi: 10.1590/1982-43272355201304
- La Taille, Y. (2002). *Vergonha: a ferida moral*. Petrópolis: Vozes.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y. (2009). Moralidade e Violência: A questão da legitimação dos atos violentos. *Temas em psicologia*, 17(2), 329-341. Recuperado em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-389X2009000200005&lng=pt&nrm=i](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2009000200005&lng=pt&nrm=i)
- Lima, M. G. & Alencar, H. M. (2016). A concepção de estudantes universitários acerca da vergonha: um estudo no campo da psicologia moral. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, junho, 7(1), 124-144. Doi: 10.5433/2236-6407.2016v7n1p124
- Lima, M. G., Alencar, H. M. & Rossetti, C. B. (2015). Moralidade: estudo acerca do sentimento de vergonha com estudantes universitários. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8 (1), 63-77. Recuperado em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n1/v8n1a06.pdf>
- Marquezini, C. P., Silva, I. A., Cruz, L. N. & Ferreira, J. N. (2017). O método clínico piagetiano e sua aplicação em pesquisas sobre desenvolvimento moral: revisão de literatura. *Scheme*. (9)2, 36-57 – Doi: 10.36311/1984-1655.2017.v9n2.03.p36
- Muris, P. & Meesters, C. (2014). Small or Big in the Eyes of the Other: On the Developmental Psychopathology of Self-Conscious Emotions as Shame, Guilt, and Pride. *Clinical Child and Family Psychology Review*. March, 17(1), 19-40. Doi DOI 10.1007/s10567-013-0137-z

- Orth, U., Robins, R. W. & Soto, C. J. (2010). Tracking the Trajectory of Shame, Guilt, and Pride Across the Life Span. *Journal of Personality and Social Psychology*. 99(6), 1061–1071. Doi: 10.1037/a0021342.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. Tradução de E. Leonardon. São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1932).
- Piaget, J. (2005). Introdução - Problemas e Métodos. In *A representação do mundo na criança* (pp. 9-31), (A. U. Sobral, Trad.). Aparecida, SP: Idéias e Letras (Trabalho original publicado em 1926).
- Piaget, J. (2014). Relações entre afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança. Rio de Janeiro: Wak Editora. (trabalho original publicado em 1954).
- Piaget, J. (2014). *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Trabalho original publicado em 1964).
- Pinto, F. E. M. (2008). As muitas faces da afetividade: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano. *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, 28, 75-88. Doi: 10.17058/barbaroi.v0i0.232
- Pitt-Rivers, J. (1965 -s.d). Honra e posição social. In: Peristiany, J. G. (Org.). *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrânicas*. Trad. José Cutileiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 11-59.
- Poless, P. G., Torstveit, L., Lugo, R. G., Andreassen, M., & Sütterlin, S. (2018) Guilt and proneness to shame: Unethical behaviour in vulnerable and grandiose narcissism. *Europe's Journal of Psychology* 14(1), 28-43. Doi:10.1521/jscp.2015.34.10.877
- Randles, D. & Tracy, J. L. (2015). Shame. In Segal, R. & Stuckrad, K. (Eds.), *Vocabulary for the Study of Religion* (339-343). Leiden, Netherlands: Brill.
- Resolução 466/2012 do Ministério da Saúde (2016). *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília: Ministério da Saúde. (On-line). Recuperado em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa* (5a ed.). Porto Alegre: AMGH.
- Santos, A. S. (2009). *Diferenças individuais na tendência para a vergonha e culpa: Antecedentes motivacionais* (Unpublished Master's Thesis). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

- Souza M. T. C. C. (2011). As relações entre afetividade e Inteligência no Desenvolvimento Psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 27 (2), 249-254. Recuperado em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n2/a05v27n2>
- Stuewig J., Tangney J. P., Kendall S., Folk J. B., Meyer C. R., Dearing R. L. (2015). Children's proneness to shame and guilt predict risky and illegal behaviors in young adulthood. *Child Psychiatry Hum Dev*. Apr; 46(2), 217-27. Doi: 10.1007/s10578-014-0467-1.
- Tangney, J. P., Stuewig, J., & Martinez, A. G. (2014). Two faces of shame: the roles of shame and guilt in predicting recidivism. *Psychological science*, 25(3), 799–805. <https://doi.org/10.1177/0956797613508790>
- Tracy, J. L. & Weidman, A. C. (2018). The Self-Conscious and Social Emotions: A Personality and Social-Functionalist Account. In press, *Handbook of Personality: New Directions and Emerging Issues* (4th Edition).
- Weidman, A. C., Cheng, J. T. & Tracy, J. L. (2018). The Psychological Structure of Humility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 114, 153-178. Doi: 10.1037/pspp0000112.supp